



ISSN 1984-5634

EDITORIAL

BRUNA CRISTINA OLIVEIRA PUPE¹

Diz-se às vezes que o objetivo do historiador é explicar o passado através do “achado”, da “identificação” ou “descoberta” das “estórias” que jazem enterradas nas crônicas; e que a diferença entre “história” e ficção” reside no fato de que o historiador “acha” suas estórias, ao passo que o ficcionista “inventa” as suas. Essa concepção da tarefa do historiador, porém, obscurece o grau de “invenção” que também desempenha um papel nas operações do historiador.

Hayden White (2019)

Enquanto o fazer historiográfico estiver em constante relação com o “encontro” de suas fontes e seus objetos, uma incerteza (talvez incômoda para algumas pessoas) pairará sobre uma importante questão: quais histórias ainda desvelar-se-ão para a historiografia que ainda precisarão ser narradas? É fato que a historiografia das últimas décadas se deparou com um amontoado de novas e necessárias temáticas que, por muito tempo, deixou a cargo das mobilizações das colegas e vizinhas ciências sociais. Nas palavras de Fernand Braudel, “a história anônima, profunda e amiúde silenciosa, cujo incerto mas imenso domínio, é preciso abordar agora” (Braudel, 2009, p. 23); se, na primeira publicação de *Écrits sur l’histoire* (1969), essa preocupação dirigia-se à incorporação dos efeitos dos indivíduos no curso da história, quais novas inquietações devem hoje deslocar a historiografia de certas perspectivas cristalizadas? O questionamento deve permanecer constante.

Mesmo que esse texto tenha sido iniciado com um questionamento, não nos interessa, ao menos através dele, oferecer uma resposta fechada. Contudo, as questões abordadas aqui caracterizam-se como um convite — uma “isca” que tensiona a reflexão e a inflexão em torno dos “objetos” da historiografia. Se em determinado momento houve a invenção da História — parafraseando, aqui, o título da obra do historiador Arno Wehling —, hoje cabe à própria ciência histórica o desafio de sua reinvenção.

GESTÃO EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

COMO CITAR:

PUPE, B. C. O. Editorial.
Aedos, Porto Alegre, v. 18, n.
41, p. 3-4, ago.–dez., 2026.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Mestra em História Social (UFRGS) e Doutoranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS), com bolsa CAPES. ORCID iD: 0009-0002-3145-899X. E-mail: brunaoliveirapupe24@gmail.com.

A reinvenção da História não nasce do capricho, mas da insurgência. Ela emerge das fissuras abertas pelas demandas políticas e sociais do presente, convocando-nos a abandonar a ficção da neutralidade, porque a História, produto e produtora de seu tempo, jamais se limita a narrar o mundo: ela distribui inteligibilidade, autoriza memórias, administra esquecimentos e participa ativamente da produção ou da ruptura das ordens que definem quem pode existir, falar e permanecer na memória (Certeau, 1982, 2011; Haraway, 1995; Louro, 2007).

Dito isso, a presente edição constitui menos uma reunião de artigos do que um campo de disputas. O mosaico que a compõe não apenas evidencia a multiplicidade de temas que atravessam a historiografia contemporânea, mas revela os deslocamentos políticos, éticos e epistemológicos que vêm tensionando as fronteiras da disciplina. Os trabalhos aqui reunidos testemunham uma História que já não pode se refugiar na pretensa neutralidade de seus cânones, sendo continuamente interpelada por sujeitos, experiências e memórias historicamente relegados às margens dos arquivos, das narrativas e da própria inteligibilidade historiográfica. Cada artigo, à sua maneira, inscreve-se nesse movimento de desestabilização, recusando os pactos de silêncio que sustentaram determinadas formas de produzir conhecimento e reafirmando que toda escrita da História é também uma disputa pelos regimes de verdade que organizam o passado, legitimam o presente e condicionam os horizontes do porvir. É nesse sentido que esta edição não apenas acompanha as transformações da historiografia, mas participa delas, assumindo que o fazer histórico é, inevitavelmente, uma prática de intervenção no mundo.

Se a História continua sendo reinventada, é porque ainda existem mundos interditados à memória e experiências recusadas pela inteligibilidade histórica. Que esta edição contribua para tornar essas fronteiras menos sólidas e essas ausências cada vez menos toleráveis.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 105-119.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, 1995. p. 7-41.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2019.